

Bolsonaro e a Construção do Herói: Uma Análise da Construção de Imagem por meio de estratégias da Mitologia¹

Stella Schwanz Dias de ASSIS²

Janaina Frechiani Lara LEITE³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

O presente artigo é uma análise da construção no imaginário social de Jair Messias Bolsonaro criando um paralelo com a estrutura mitológica. Para tanto, foi utilizado o autor Joseph Campbell, com seu livro “O Poder do Mito”, e a produção cinematográfica “A Onda”, dirigida por Dennis Gansel, em 2009. Será estudado como o presidente eleito em 2018 se apropriou do mito da construção do herói para conquistar o grande número de fiéis seguidores que apoiam seus ideais, se aproveitando de um momento de instabilidade política e econômica do país. Também será analisado o papel que as redes sociais tiveram no estabelecimento desta imagem, pensando principalmente nas bolhas formadas nas redes, e como estas influenciaram no fortalecimento do grupo que apoia Bolsonaro.

Palavras-chave: Mito; Discurso Político; Campanha Eleitoral; Mitologia; Bolsonaro.

Introdução

Em 2018, foi consagrada a força de um movimento que estava se formando no cenário político brasileiro há alguns anos. Por volta de 2014, iniciou-se este ciclo no país em um momento de crise econômica, instabilidade política e constantes escândalos de corrupção. O Brasil se dividiu entre dois extremos: aqueles que eram completamente contra o governo PT e aqueles que o defendiam arduamente. Com o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, essa divisão só aumentou, trazendo momentos ainda mais graves de desequilíbrio ao país. Com Michel Temer como substituto, a situação não melhorou, as eleições já estavam se aproximando e apenas um verdadeiro herói poderia controlar a situação e unir a população novamente.

O cenário para as eleições de 2018 apresentava Luiz Ignácio Lula da Silva na liderança, seguido por Jair Messias Bolsonaro, segundo pesquisa realizada pelo IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, publicada no dia 20 de agosto de 2018, o ex-presidente tinha 47% da intenção dos votos válidos, ante 23% de Jair, e havia uma discrepância ainda maior em comparação aos outros candidatos, onde os três seguintes eram Marina Silva (8%), Geraldo Alckmin (7%) e Ciro Gomes (6%). Os dois possíveis heróis da

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do Intercom Júnior – XXIV Congresso de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UFES, email: stellasdassis@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFES, email: janainaleite@hotmail.com

nação seguiam em embate, representando a extrema direita e a centro esquerda, os dois lados em que se dividiam o povo brasileiro. O título da pesquisa acima, “Lula fica à frente na disputa pela Presidência da República. Já no cenário com Haddad como opção do Partido dos Trabalhadores(PT), o mesmo do ex-presidente, Bolsonaro aparecia na liderança”, apontava outro empecilho nesta situação, como Lula havia sido preso às vésperas do processo eleitoral, ainda não havia certeza de que ele poderia concretizar sua candidatura à presidência e, apesar das inúmeras tentativas e esforços de sua equipe e apoiadores, o pré-candidato não pôde disputar as eleições. A tentativa de transferir o capital político para o seu correligionário, o ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, mudou profundamente o cenário das eleições, visto que o seu sucessor não possuía a mesma força e popularidade do ex-presidente, abrindo espaço para que o Messias despontasse em primeiro lugar nas pesquisas.

Com discurso focado em um nacionalismo exacerbado, religiosidade, valorização da família e combate ao comunismo, Bolsonaro foi ganhando não só eleitores, mas cada vez mais seguidores, tanto nas redes sociais, quanto adeptos ao seu discurso, sendo visto por estes como o novo herói da nação. No dia 28 de outubro de 2018, o resultado não foi outro, Bolsonaro tornou-se o sétimo Presidente da República após a redemocratização.

É importante analisar o caminho traçado por Jair para chegar ao marco de 55,13% dos votos em um momento de extrema divisão, mesmo com uma forte oposição à sua participação no pleito democrático, havendo até mesmo movimentos exclusivamente contra sua candidatura, como o #EleNão e o Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, que contou com atos por todo o país. Além disso, para entender como esse objetivo foi alcançado, é necessário voltar um pouco na história de vida de Jair.

Nascido em 21 de março de 1955, formou-se na Academia das Agulhas Negras em 1977 e serviu nos grupos de artilharia e paraquedismo. Em 1988, foi eleito na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, antes mesmo de terminar seu mandato. Em 1990, foi eleito Deputado Federal e foi reeleito por eleições consecutivas até 2018. Ficou muito conhecido por suas opiniões polêmicas, sendo consagrado por sua autenticidade, falando o que pensava sem filtros, por mais controversas que fossem essas opiniões, sendo, por este motivo, chamado de mito por seus fãs, pela coragem de dizer o que pensava, de fato.

Este rótulo foi associado a ele por conta do termo "mitar", neologismo criado a partir deste substantivo, que significa fazer algo de maneira excepcional, algo difícil, algo inédito, isso advém de se tornar um mito em algo, agir como um mito. Neste sentido, a palavra mito está ligada a conceitos como ser o melhor e ganhar destaque por conta de uma

ação específica. Esse conceito é muito usado no universo das redes sociais, quando alguém faz uma postagem ou comentário que ganha destaque por ser engraçado, “sem filtro”, dentre outros. Por tais motivos acaba por ganhar um grande número de curtidas, que representam a validação e aceitação social desta opinião, devido ao fato desse público se identificar com tais opiniões e admirar a coragem do ‘mito’ em expressá-las abertamente.

As relações da construção da imagem de Jair com a narrativa mitológica vão muito além de um conceito oriundo do meio digital. No documentário, depois transformado em livro, “O Poder do Mito” de 1985-1986, Joseph Campbell retrata que tudo começa com uma história. Por sinal, no breve histórico sobre a vida de Jair apresentado, é possível encontrar alguns elementos que vão ao encontro da construção do mito da saga do herói descrita por Campbell. O autor coloca que há dois tipos de proeza para um herói: uma é a proeza física, em que o herói pratica um ato de coragem durante a batalha, que, fazendo um paralelo com o caso de Bolsonaro, encontra um aparato no período em que ele prestou serviço militar; outra é a proeza espiritual, na qual o herói aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana e retorna com uma mensagem, que pode ser relacionado à religiosidade e à ideologia. No caso do Jair, até mesmo o sobrenome Messias contribuiu para esta construção, podendo ser interpretado como um enviado de Deus.

A semelhança com a estrutura mitológica pode ser encontrada em diversas narrativas, não só a políticas, mas também em livros e filmes. Não obstante, é interessante observar que quando bem aplicada costuma trazer resultados positivos, como na saga Star Wars. No artigo “A Força do Mito” (BLASE, 2018), Sofia Reding aponta que o filme se trata de uma narração mítica tanto por sua estrutura, tanto por seus efeitos nos espectadores. Essa estratégia é bastante utilizada para moldar o discurso de campanhas políticas, principalmente quando se trata do perfil de um herói da nação. Em especial pode-se identificar essa repetição ao longo da história, uma tática antiga que continua funcionando através de séculos. Quando questionado sobre o nome do livro “O Herói de Mil faces”, Campbell explica:

Existe uma certa sequência de ações heroicas, típicas, que podem ser detectadas em histórias provenientes de todas as partes do mundo, de vários períodos da história. Na essência, pode se até afirmar que não existe senão um herói mítico, arquetípico, cuja vida se multiplicou em réplicas, em muitas terras, por muitos, muitos povos. Um herói lendário é normalmente o fundador de algo, o fundador de uma nova era, de uma nova religião, uma nova cidade, uma nova modalidade de vida. Para fundar algo novo, ele deve abandonar o velho e partir em busca da ideia semente, a ideia germinal que tenha a potencialidade de fazer aflorar aquele algo novo. (CAMPBELL, 1985-6, p. 150)

Entrando mais a fundo no conceito de mito, segundo MAIQUEL, 2016, os mitos podem ser entendidos como representações de verdades profundas da mente e as uniões deles em conjunto, de acordo com suas origens, formam as diversas mitologias que conhecidas. O surgimento dos mitos se deu na Grécia antiga, na tentativa de buscar o significado do que não era compreendido. A princípio, a intenção não era explicar a realidade, mas sim acomodar e tranquilizar o homem perante a um mundo temeroso. Com o tempo, as funções do mito foram se alterando de acordo com o momento que a sociedade passava e sua importância perpetuou até o tempo presente. No artigo “O mito na sociedade atual”, o autor coloca:

A concepção de mito que temos é uma herança de nossa cultura ocidental. O mito nos é apresentado como aquilo que não é. Ele se opõe ao real, por um lado, e ao racional, por outro. Dessa maneira, para obter uma compreensão do que é o pensamento mítico, precisamos partir dessa moderna forma de interpretação. (MAIQUEL, 2016, Pg.04)

A importância do mito na atualidade se dá principalmente na compreensão de mundo, pois a linguagem e o conhecimento passado por estes são essenciais na hora de aprender a decifrar os símbolos. Partindo dessa premissa, o presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre a construção e a consolidação da imagem de Jair Messias Bolsonaro com a estrutura dos mitos, identificando os pontos em comum à saga do herói, símbolo fortemente incorporado por Jair, ao ponto de seguinte declaração depois do *impeachment* de Dilma: “Me chamam de grosso, homofóbico, fascista, etc. Mas eu sou um herói, e estou cada dia mais vivo perante a opinião pública.” (Democracia em Vertigem, 2019, 1:05:51)

Este estudo será realizado tendo em mente que a estruturação do mito, principalmente do herói, é uma estratégia já usada inúmeras vezes por diversos candidatos pelo mundo. Dessa forma, buscar-se-á compreender o motivo pelo qual a campanha do presidente eleito em 2018 ter se saído excepcionalmente bem, levando em consideração o uso das redes sociais como um fator diferencial, explorando assuntos como as bolhas formadas por algoritmos e o conceito de ética nas redes.

1. A consolidação da imagem

Bolsonaro passou por diferentes fases, e essas mudanças foram importante para a consolidação de sua imagem. A primeira vez em que obteve destaque na mídia foi 1986 quando o então capitão assinou um artigo na *Veja* em que protestava contra os baixos vencimentos dos militares, e chegou até a ser preso por este motivo. Neste momento ele ganhou uma grande repercussão na mídia, e por conta de sua prisão houve até um protesto

de mulheres de militares. Ele já se mostrava como uma pessoa sem filtro, que não tinha medo de realmente falar o que pensava, o que abriu espaço para, dois anos depois, desbravar o meio político, sendo eleito Vereador do Rio de Janeiro, e apenas dois anos mais tarde decidiu dar um passo à frente, concorrer ao cargo de Deputado Federal, e foi eleito. Assumiu o cargo em 1991, e desde então passou por sete mandatos e sete partidos.

Durante seus mandatos, o então deputado envolveu-se em diversas polêmicas, o que algumas vezes acabava fortalecendo-no ainda mais. Mas também fez com que entrassem com pedido de cassação de seu mandato por algumas vezes, como em 1999, onde defendeu o fuzilamento do então presidente Fernando Henrique Cardoso durante entrevista no programa “Câmera Aberta”, da Bandeirantes. Em 2000, onde defendeu a pena de morte para qualquer crime premeditado e a tortura em casos de tráfico de drogas. Por inúmeras vezes declarou seu apoio e elogiou a ditadura militar, e ainda afirmou em 2008, durante uma discussão com manifestantes, que “o erro da ditadura foi torturar e não matar.” Tantas declarações polêmicas o mantinham na mídia constantemente, e aqueles que concordavam com suas opiniões tinham a oportunidade de ter este contato. Outra guinada para a popularização de Jair Bolsonaro ocorreu em meados de 2010, quando começou a ganhar destaque em programas de TV como CQC, Superpop e Pânico.

O ‘CQC’ e ‘Superpop’ não eram sócios de Bolsonaro na sua estratégia de promoção. Ambos apenas enxergaram a chance de conseguir audiência sem fazer esforço. Daí os inúmeros convites e entrevistas com ele. Já o então deputado sempre seguiu, ainda que de forma intuitiva, uma outra lição de Stone: ‘A atual política de desmoralização é essencial hoje para ser notado. Você tem que ser ultrajante para ser notado. (STYCER, 2018)

Essa mistura de entretenimento com política rendeu pontos de ibope para os programas, exibindo as ideias consideradas ultrajantes do político, enquanto este ganhava cada vez mais popularidade, nem se importando de por vezes ser ridicularizado, pelo contrário, percebeu que essas piadas e paródias poderiam virar ao seu favor, como o quadro “Mitadas do Bolsonabo”, do programa Pânico na Band, que ganhou vários episódios, uma piada que consolidava a imagem de “Mito”, termo que passa a ser usado de maneira positiva, como um elogio a força das opiniões do então deputado.

Messias, como representante da extrema direita e apoiador da ditadura militar, sempre se colocou como oposição ao Governo do PT, e quando tiveram início os protestos contra o governo, ele se posicionou como um dos grandes protagonistas, defendendo os valores da família, a luta contra a corrupção e o chamado por ele de risco de uma ditadura comunista. Durante todo este processo manteve-se ativo contra o governo, até no desencadeamento do processo de *impeachment* da Dilma, no qual votou a favor,

homenageando Carlos Alberto Brilhante Ustra, coronel do Exército Brasileiro, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército (de 1970 a 1974), um dos órgãos atuantes na repressão política, durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), que chamou de “o pavor de Dilma Rousseff”, por tê-la torturado no período da ditadura militar, o que gerou grande revolta entre sua oposição. A reportagem da BBC, “Discurso de Bolsonaro deixa ativistas ‘estarecidos’ e leva OAB a pedir sua cassação”, de 2016, traz declarações repudiando a ação de Jair.

Todas as declarações polêmicas cultivaram um grande número de pessoas contra o deputado, que repudiavam suas opiniões e achavam absurdo ouvi-las de um político, mas por outro lado, também cultivaram uma grande quantidade de fãs, pessoas que o aplaudiam de pé e passaram a apoiá-lo fortemente, que o viam como herói por ter a coragem de falar o que realmente pensa em uma sociedade repleta de “mimimi”, como os seguidores referiam-se ao considerado socialmente como politicamente correto.

Essa legião de seguidores foi se fortalecendo, e com o posicionamento de Bolsonaro no processo de *impeachment* esse número aumentou intensamente. E já neste momento foram surgindo alguns elementos de identificação entre os seguidores, transformando-os em um grupo, pejorativamente intitulada pela oposição de “bolsominions”, um termo oriundo da junção do nome de Bolsonaro com os personagens de desenho infantil, minions, que são pequenas criaturas que necessitam trabalhar para um líder, que deveria ser necessariamente um super-vilão. Mas este termo não enfraqueceu o grupo, que continuou a defender arduamente o político que apreciava, e as manifestações contrárias acabavam fortalecendo suas posições e crenças, demonstrando uma devoção incondicional, exaltada e muitas vezes isenta de espírito crítico.

Estes elementos de identificação de grupo fazem lembrar o filme “A Onda”, do diretor Dennis Gansel, Alemanha, 2009, onde é possível observar a força que o sentimento de pertencimento pode ter. O filme conta a história de um professor de ensino médio que estuda sobre anarquia e se depara com o desafio de ensinar sobre autocracia, e ao perceber que os alunos pensavam que não era um assunto relevante e achavam impossível ter outra ditadura na Alemanha, ele decidiu ensinar na prática como é a construção de um regime autocrático. Algumas estratégias utilizadas no filme para criar essa identidade de grupo são facilmente encontradas em casos como este, e a importância do sentimento de união, de não se sentir sozinho perante uma situação e/ou opinião é um fator definitivo para fortalecer uma linha de pensamento, o que se desdobra até mesmo a um aumento significativo da quantidade de indivíduos pertencentes ao grupo.

Analisando estas estratégias é possível levantar o reconhecimento ou até criação de um inimigo em comum, na narrativa cinematográfica o professor utilizou a outra turma, que cursava uma disciplina sobre anarquismo, como sendo a inimiga do grupo que estudava autocracia; já os seguidores de Bolsonaro têm como inimigo em comum a esquerda, representada pelo governo do PT, que em sua interpretação, vem acompanhadas com a ideologia de gênero e o comunismo.

Outro ponto é um objetivo em comum, no filme este fator pode ser representado pela união em si, a ideia de ajuda mútua que o professor passou para os alunos melhorarem até mesmo o desempenho em outras disciplinas, agora pensando no grupo estudado existe mais de um objetivo a ser levantado, primeiro a luta contra uma possível ditadura comunista, questão que assombra este grupo ideológico há muito tempo, e também foi muito falada antes da Era Vargas, que para Maud Chirio: “A Intentona Comunista gerou, nos meios militares, um forte anticomunismo e foi um dos fatores que contribuíram para implantação do Estado Novo em 1937.” (CHIRIO, 2012). E depois voltou com toda força no período de início da ditadura militar, que segundo Rodrigo Patto: “Entre 1961 e 1964, ao contrário, o anticomunismo adquiriu uma importância preponderante, constituindo-se na fagulha principal a detonar o golpe militar de 31 de março.” (SÁ MOTTA, 2000). Além dessa luta também há a busca da retomada e preservação dos valores da família tradicional brasileira, os quais o grupo entendia que haviam sido ameaçados pelo governo anterior, por conta de medidas de combate ao machismo, racismo e homofobia. Como a proposta do programa “Brasil sem homofobia”, durante o governo Dilma, que pautava o combate a violência e à discriminação contra LGBTQ+ e promoção da cidadania homossexual, que aqueles consideravam como sendo um kit sobre ideologia de gênero.

Mais um paralelo possível de fazer com a obra cinematográfica é a uniformização do grupo, que no filme todos passaram a usar camisas brancas e adesivos com a identidade visual do movimento A Onda, já os fãs de Bolsonaro utilizaram as cores da bandeira, criando um *link* com o nacionalismo exacerbado, e essa estratégia foi tão bem sucedida que o verde e o amarelo não são mais vistas como cores que simbolizam a bandeira e o país, mas sim como cores do grupo, houve uma completa desconstrução de significado, englobando toda uma nação, a tal ponto que a oposição passa a evitar usar a camisa da seleção brasileira de futebol para divergir do grupo, tendo como consequência ressignificação dessa paixão nacional, em um país que leva o futebol como um símbolo da nação de grande importância.

Para finalizar o paralelo com o filme, como um dos principais pontos tem-se a utilização de uma saudação específica para o grupo, que no filme foi escolhida a realização de um sinal com a mão imitando uma onda, para remeter ao nome do grupo. Ao confrontar com o observado no grupo estudado, não houve a construção de uma simbologia tão simplista, e também não houve uma decisão concreta como no filme. A saudação utilizada pelo grupo de apoio a Bolsonaro surgiu por conta de sinais corriqueiramente utilizados pelo líder, algo que representasse assertivamente seu ponto de vista e ideias, que com o tempo foi cada vez mais utilizado pelo grupo, se tornando o forte símbolo que representa, que é a gesticulação de imitação de armas com as mãos.

2. A construção do herói

Os mitos são essenciais para que o sujeito consiga decifrar os símbolos, e suas características estão presentes nos mais diversos meios, e é notável como isso pode influenciar na maneira de pensar e agir de uma sociedade. A mitologia grega, por exemplo, surgiu a partir da indagação em explicar a origem da vida e os problemas da existência, por isso existiam os mitos dos Deuses imortais. Eles guiavam o comportamento da população, a cultura, arte e literatura, eram realizados rituais e costumes pautados para agradar os deuses, afetando fortemente sociedade.

Alguns mitos se perpetuam através do tempo, servindo de inspiração para outros estudos. Um exemplo é o Conto de Édipo e o tema do incesto. Este mito tem como mensagem central o terror do incesto, e teve como objetivo passar essa ideia para o povo da Grécia antiga. Mesmo séculos depois de seu surgimento esse mito inspirou vários estudos, como o complexo de Édipo, de Sigmund Freud, que compõe uma das problemáticas fundamentais da teoria e da clínica psicanalítica, assunto sobre o qual o autor discorre no texto “A Dissolução do Complexo de Édipo” de 1924.

Tendo consciência do impacto dos mitos durante a história se entende a amplitude da importância da influência dessas narrativas, e os mitos que existem em maior quantidade e mais influenciam são aqueles sobre heróis. Para Joseph: “Há tantas histórias sobre herói porque é sobre isso que vale a pena escrever. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo.” (Campbell, 1986-7, p.137) E é por isto que o uso da simbologia do herói é tão usada na atualidade, inclusive nas estratégias de marketing político. Campbell também coloca que:

A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou

permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. Normalmente, perfaz se um círculo, com a partida e o retorno. (CAMPBELL, 1985-6, p. 138)

Partindo desse princípio é possível relacionar este ciclo com diversas fases da história de Bolsonaro. Primeiro como militar, onde é usurpado o direito de um salário adequado, então ele reage, ultrapassando o usual, lutando por sua classe na tentativa de alcançar este objetivo, se tornando um herói para aquelas pessoas. Depois, como deputado, o ciclo se repete continuamente, traçando uma batalha em cada polêmica na qual se envolve, e sendo condecorado pelos beneficiários de cada uma destas, seja por concordância ou benefício direto, aumentando consecutivamente o número de pessoas que o consideram herói.

O momento prévio de sua campanha também foi uma sucessão de heroísmos, tomando a posição daquele que combate a corrupção, o comunismo e defende os bons, seguindo a ideia de que todo herói precisa de um vilão, de algo para combater, esse antagonismo é personificado através de Lula, Dilma e todo o PT como partido político, resgatando a simbologia do herói que sai matando monstros:

É o grau de iluminação ou de ação que os torna diferentes. Existe um herói típico das culturas primitivas, que sai por aí matando monstros. É uma forma de aventura do período pré-histórico, quando o homem estava moldando o seu mundo, a partir da selvageria perigosa, informe. Ele se empenha em matar monstros. (Campbell, 1986-7, Pg. 149)

Chegando ao momento mais próximo das eleições encontramos um clímax, uma virada típica de herói, quando Lula, representando o vilão de Bolsonaro, está liderando as pesquisas, e uma grande reviravolta acontece, o impedindo de concorrer, o que leva o Messias ao topo das pesquisas, abrindo espaço para o alcance da vitória heroica.

Chegando finalmente no período de campanha, depois de tantas reviravoltas e repetições do ciclo, Jair deixa de ser visto como piada para a maioria das pessoas contrárias a suas opiniões, e começa a ser fortemente temido, como um bom herói é temido por seus adversários. Ele seguiu a imagem que fez seus seguidores o intitulem como Mito, apenas ressignificando suas falas, na tentativa de alcançar aqueles que não eram seus fãs, mas também buscavam um herói da nação, e com a saída de cena do Ex-presidente, que possui uma imagem forte, Jair pareceu aos olhos de muitos como a melhor opção.

O maior clímax durante a campanha ocorreu no dia 6 de setembro de 2018, em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde durante uma caminhada de sua campanha Jair Messias Bolsonaro levou uma facada na região do tórax. Foram momentos de medo e desespero, este

ocorrido foi tomado como atentado à democracia, e gerou comoção no povo brasileiro. Neste momento, o então candidato, se consagra como herói de fato, completando o objetivo do herói que é o de se sacrificar pelo povo.

O objetivo moral é o de salvar um povo, ou uma pessoa, ou defender uma ideia. O herói se sacrifica por algo, aí está a moralidade da coisa. Mas, de outro ponto de vista, é claro, você poderia dizer que a ideia pela qual ele se sacrificou não merecia tal gesto. É um julgamento baseado numa outra posição, mas que não anula o heroísmo intrínseco da proeza praticada. (Campbell, 1986-7, Pg. 141)

Mas é importante lembrar que as proezas do herói não se aplicam só a Bolsonaro, e no Brasil, temos como exemplo mais recente, onde Lula personificava a visão do herói, como mencionado anteriormente, e posteriormente configurava como o próprio vilão na narrativa de Jair. Lula levantava a bandeira da luta pelos trabalhadores e a população mais pobre, causa que atraiu muitos seguidores. Sua imagem é tão aclamada que, quando foi preso, comoveu milhões de brasileiros, e alguns deles tentaram lutar para impedir que a prisão acontecesse. Os atos com sua presença juntavam multidões, e pessoas choravam ao ter a oportunidade de ver seu herói de perto, e alguns até expressavam intensa emoção quando tinham a oportunidade de pegar sua mão.

Sabendo disso é possível entender a importância não só da relação estratégica de construção da imagem de Bolsonaro com a estrutura mitológica, mas também analisar qual foi o grande diferencial que havia no momento, o que tornou a estratégia tão eficaz.

3. Redes Sociais como fator diferencial

Para tentar entender o real diferencial da campanha de Bolsonaro é preciso entender a atuação das Redes Sociais nas eleições de 2018. Em primeiro lugar, foi o primeiro ano em que os impulsionamentos de publicações em redes sociais, como Facebook e Instagram foram permitidos, possibilitando a exploração mais a fundo de um novo campo para realizar o marketing político. Justamente por ser tão novo houve muitas dúvidas a respeito de como esses impulsionamentos deveriam ser realizados, que a legislação somente não sanava, o Facebook trouxe ao Brasil o código próprio de regras para este tipo de propaganda, que solicitava autenticação de informações, como número e foto de documento do candidato e dos perfis que realizaram o impulsionamento, CNPJ do candidato, partido político do candidato e coligações que posteriormente eram avaliadas pela equipe da rede social, sendo ou não aprovadas para realização dos impulsionamentos. Porém, por ser algo muito recente, o suporte da plataforma não sabia explicar adequadamente alguns

questionamentos, abrindo espaço para irregularidades. Alguns candidatos optaram por seguir o que estava descrito na lei, porém outros realizavam o impulsionamento sem nem colocar o CNPJ do candidato e informações sobre coligação e partido.

Entretanto, as estratégias de uso das redes sociais não se dão apenas via impulsionamento. O principal foco a atingir nestas estratégias é o engajamento, que é a medida de interação e envolvimento com as páginas, e enquanto o impulsionamento pode fazer uma publicação chegar a mais pessoas sem ser necessário envolvimento, o engajamento, através de curtidas, compartilhamentos e comentários, podem fazer uma publicação chegar ainda mais longe. Para alcançar esta interação são usadas estratégias de adequação da publicação, seja melhorando a qualidade das postagens, entrando em assuntos que já estão em alta ou abrindo uma pauta polêmica. No que diz respeito a empresas, a qualidade das publicações é essencial, já quando se fala de política, uma publicação simplista, com uma temática polêmica, criada para não parecer feita por um profissional da área, pode chegar a viralizar através do alto índice de engajamento.

Analisando esta movimentação é importante observar que não foram as pessoas que mudaram por conta das redes sociais, mas sim as condições de consagração, que antes tinham como meio quase que único a imprensa, e agora havia um universo de produtores de conteúdo na internet, principalmente redes sociais, e justamente por não termos aprendido ainda a lidar com esse fenômeno que ocorreu uma grande quantidade de *fake news* durante a campanha eleitoral, as famosas notícias falsas.

Outro ponto, que talvez seja o mais relevante a ser pensado na hora de identificar o que aconteceu de diferente, é a relação do algoritmo das redes sociais com a formação de bolhas. O algoritmo das redes sociais é utilizado para identificar os gostos de seus usuários, para mostrar a eles o que realmente for de interesse e conectado com os ideais de cada um, e isso acaba por aproximar pessoas e ideias similares. O problema está no fato de que a rede social não só prioriza os gostos do usuário, mas limita o que ele não gosta, o que acaba por impedir a circulação de pensamentos diferentes, e pode levar o indivíduo a pensar que seu pensamento é reproduzido pela grande maioria da população. Eduardo Magrani, em seu livro “Democracia Conectada”, coloca que os filtros-bolhas podem ser definidos como:

Um conjunto de dados gerados por todos os mecanismos algorítmicos utilizados para se fazer uma edição invisível voltada à customização da navegação on-line. Em outras palavras, é uma espécie de personificação dos conteúdos da rede, feita por determinadas empresas como o Google, através de seus mecanismos de busca, e redes sociais como o Facebook, entre diversas outras plataformas e provedores de conteúdo.

As bolhas são grupos que tendem a homogeneidade, uma junção de pensamentos similares, e podem ser formados por diferentes quantidades de pessoas. Esse fenômeno aconteceu muito durante as eleições, justamente por conta da divisão entre duas linhas de pensamento opostas, e esse algoritmo fortaleceu os diferentes grupos, criando uma espécie de blindagem ante a pensamentos antagônicos. Neste momento os seguidores de Jair foram unidos através de páginas, grupos e novas amizades, e o número de pessoas aumentava cada vez mais, o que fazia parecer, para os adeptos do mesmo pensamento, que a grande maioria da população estava de acordo. Essa ideia de amostragem através das próprias conexões passava uma ideia completamente errada de maioria, pois os usuários estavam imersos em um meio repleto de opiniões homogêneas.

E pensar que faz parte da maioria acaba reforçando as ideias, fortalecendo a união do sentimento de pertencimento, o que legitima e consagra os pensamentos e até ações, pois sozinho o indivíduo se sente inseguro, mas em um grupo este se sente apoiado, e é justamente isso que constrói a ideia de certo ou errado no imaginário, se outros pensam ou agem igual.

Conclusão

Um conceito de extrema importância a se discutir no que diz respeito ao cenário das últimas eleições é a ética nas redes. A ética é um conjunto de valores morais e princípios que norteiam o comportamento humano, é um código que muda de acordo com a cultura de cada sociedade ou grupo, e no que diz respeito às redes sociais, que conectam pessoas de diferentes culturas por todo o mundo, pensar neste código é muito mais complexo. A natureza humana não é alterada pelo meio digital, mas os códigos morais sim. As pessoas agem na internet de maneira diferente da vida real, seja para criar uma realidade utópica de felicidade, ou até mesmo para poder fugir das condutas consideradas morais pela sociedade a que pertence, sentindo liberdade para, por exemplo, ofender alguém que não faria pessoalmente.

A internet possibilita algo que não é facilmente alcançado no âmbito pessoal, esconder sua real identidade, através de perfis *fakes*, e isso abre ainda mais espaço para sair dos códigos de ética aos quais a pessoa se submete, a pessoa não precisa mais abrir mão de se comportar de uma maneira diferente do permitido, pois no meio digital ela sequer tem apenas uma identidade. Essa quebra das construções sociais da moral abre espaço para o recorrente discurso de ódio na internet, e os chamados *haters*, porque até mesmo quando

usam perfis reais, as pessoas se sentem de certa forma protegidas pela internet, não só por ser um ambiente diferente do que o indivíduo convive, mas também pela pluralidade, independente de qual for seu ponto de vista e de como agir sempre será possível encontrar pessoas que estão de acordo. E como já foi colocado, encontrar apoio de um grupo de pessoas, normalmente considerado grande em relação às nossas convivências diárias, legitima os comportamentos no meio digital, como que criando construções sociais na internet por meio da aprovação quantitativa, e é isso que acaba definindo os códigos de ética.

Para finalizar a análise é importante realizar mais um paralelo da construção da imagem de Bolsonaro com o filme “A Onda”. Na narrativa cinematográfica são apresentados símbolos de identificação e construção de um regime autocrático e ditatorial, que o presidente eleito em 2018 apoia e enaltece abertamente, e traçando essa relação identifica-se primeiramente o líder central, o então herói. Outra questão é a delimitação de regras estimulando a disciplina, o respeito, e a união, que fortalecem o poder. Mais um ponto é o cenário que o país se encontra, no filme o professor diz que condições sociais de desemprego, desigualdade, insatisfação política e nacionalismo exacerbado podem favorecer o ambiente para um regime autocrático.

A simbologia das armas também está presente em ambos os casos, e é usada não só para demonstrar poder, mas causar medo na oposição, que se torna uma classe de inimigos, que devem ser excluídos e até mesmo feridos, tudo com estimulação de um discurso de ódio. E no momento em que a legitimação desencadeia em tragédias identifica-se a negação de responsabilidade em ambos os casos.

Depois de passar por toda essa trajetória o resultado foi a eleição de Bolsonaro em 2018. No início de seu mandato já é possível perceber que a exploração da narrativa mitológica continua, principalmente no que diz respeito da criação de inimigos, monstros a serem destruídos. Como sua relação com o STF (Supremo Tribunal Federal) e o Congresso, que ao vetar suas propostas e decisões, Bolsonaro coloca quase como se estas instâncias do governo tomassem decisões para desafiar ou mandar uma mensagem para ele.

O fortalecimento da criação de inimigos também influencia na continuidade da polarização, como retrato disso vemos os atos que aconteceram a partir de maio de 2019. Por um lado, os atos pela educação, contra as decisões tomadas pelo governo e por outro os atos a favor de Bolsonaro, com pessoas que defendem o atual governo. E como observado anteriormente, momentos de instabilidade política favorecem movimentos autocráticos, e alimentar a polarização, a divisão da população, só aumenta a instabilidade. Porém, parando para analisar a real funcionalidade da maneira como Bolsonaro se apropriou desta estratégia

percebe-se que apesar de fortalecer a imagem dele, acaba atrapalhando a governabilidade do então presidente, que acaba sendo mais um personagem midiático do que de fato um governante que pode realizar mudanças no país. Então conclui-se que um país não precisa de heróis, mas sim de governantes preparados, que coloquem o que é melhor para a população acima de suas opiniões pessoais.

Referências Bibliográficas

A ONDA (“*Die Welle*”, 2009). Direção: Dennis Gansel. Produção: Christian Becker, Nina Maag, Anita Schneider. Intérpretes: Jürgen Vogel, Frederick Lau, Max Riemelt, Jennifer Ulrich, Jacob Matschenz e outros. Roteiro: Dennis Gansel, Peter Thorwarth, Johnny Dawkins, Ron Birnbach. Autores: Todd Strasser, Ron Jones.

Barba, Mariana Della. Wentzel, Marina. Discurso de Bolsonaro deixa ativistas ‘estarecidos’ e leva OAB a pedir sua cassação. BBC Brasil em São Paulo e da Basileia (Suíça). Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb> (Acesso em: 28/06/2019)

CAMPBELL, J. 1988. O poder do mito. Associação Palas Athena, São Paulo. Versão original 1985-6.

CHIRIO, Maud. (2012). A política nos quartéis: Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira. [S.l.]: Zahar. pág. 243

DEMOCRACIA EM VERTIGEM. (2019) Direção: Petra Costa. Produção: Joanna Natasegara, Shane Boris, Tiago Pavan. Editores: Karen Harley, Felipe Lacerda, Jordana Berg, Tina Baz le Gal, David Barker, Joaquim Castro. Netflix.

FREUD, Sigmund. (1974). A dissolução do complexo de Édipo. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX, pp. 215-226). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1924)

IBOPE. Lula fica à frente na disputa pela Presidência da República. No cenário com Haddad como opção do PT, Bolsonaro aparece na liderança. 2018. Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/lula-fica-a-frente-na-disputa-pela-presidencia-da-republica-no-cenario-com-haddad-como-opcao-do-pt-bolsonaro-aparece-na-lideranca/>> (Acesso em 29/06/2019)

MAGRANI, Eduardo. Democracia Conectada – A Internet como Ferramenta de Engajamento Político Democrático. Curitiba: ed. Juruá, 2014; p. 118.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. Em Guarda Contra O Perigo Vermelho: O Anticomunismo No Brasil (1917-1964). São Paulo, 2000; p. 286. Disponível em: <https://www.academia.edu/12851483/EM_GUARDA_CONTRA_O_PERIGO_VERMELHO_O_ANTICOMUNISMO_NO_BRASIL_1917-1964> (Acesso em: 27/06/2019)

STYCER, Maurício. Qual foi o papel de CQC, Superpop e Pânico na popularização de Bolsonaro. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2018/10/29/qual-foi-o-papel-de-cqc-superpop-e-panico-na-popularizacao-de-bolsonaro/>> (Acesso em: 27/06/2019)